

TRÂNSITOS DA CULTURA POPULAR E DE MASSA NUMA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Carlene Vieira Dourado*

Resumo: este artigo apresenta noções do conceito de cultura, a partir da visão de diversos autores em diversas épocas e contextos. Problematiza-se suas terminologias e aplicabilidades nas áreas do saber, com ênfase no modo como o termo cultura e suas dimensões simbólicas se desdobraram em outros modelos ou dimensões de cultura como a Popular e de Massa. Em seguida, faz-se de forma sucinta uma discussão teórica em torno do que se configura enquanto estudo da cultura, através de um diálogo proposto entre os teóricos Marilena Chauí, Martin Barbero, Peter Burke, Mintz e Price. Por fim, é feita uma análise acerca do conceito de cultura e sua abordagem no projeto de pesquisa em fase de desenvolvimento sob o título “Poéticas Orais e Identidade étnico-racial na comunidade Quilombola de Volta Grande-Ba”.

Palavras - chave: cultura popular; cultura de casa; Comunidade Quilombola.

TRANSITS OF POPULAR AND MASS CULTURE IN A QUILOMBOLA COMMUNITY

Abstract: this article presents notions of the concept of culture, from the perspective of different authors at different times and contexts. It problematizes terminologies and applicabilities in several areas, with emphasis on how the term culture and its symbolic dimensions unfolded in other models or cultural dimensions such as Popular and Mass. Then, it proposes a briefly theoretical discussion around what is configured as the study of culture through a dialogue between the theorists Marilena Chauí, Martin Barbero, Peter Burke, Mintz and Price. Finally, an analysis is made about the concept of culture and its approach in the research project being developed under the heading "Oral Poetry and ethno-racial identity in Quilombola community of Volta Grande-Ba".

Keywords: popular culture; mass culture; Quilombola Community.

Introdução

Nos estudos culturais contemporâneos não há um consenso ou uma definição precisa acerca do termo “Cultura”. Essa imprecisão decorre do caráter polissêmico da terminologia, bem como das discordâncias com relação a alguns pontos dessas múltiplas definições, no entanto, nem toda definição de cultura, como se pensa, vem da Antropologia.

* Mestranda do Pós-Crítica (Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Quando questionado o conceito de Cultura, grande parte das pessoas lhe atribui um sentido muito comum que a define como produção artística e intelectual. Nesse sentido, seu conceito seria ainda desdobrado em uma gama de terminologias e/significados como a cultura erudita, cultura popular, cultural de massa etc., enfim expressões que representam conceitos específicos para a produção intelectual de determinados grupos sociais.

No entanto, distanciando daquilo que o senso comum concebe como Cultura e partindo para uma leitura ou noção no âmbito das ciências sociais e de seus desdobramentos nos campos do saber, é imprescindível uma contextualização histórica para que seja possível uma compreensão mais significativa.

Diálogos e noções sobre cultura popular e cultura de massa

Quando se pesquisa o conceito de Cultura nos dicionários ou em sites de pesquisa, embora a definição seja abrangente, a primeira definição se relaciona ao “ato, efeito ou modo de cultivar”. Esta definição está relacionada ao cultivo e cuidado com a terra, com a agricultura, assim esta primeira ideia é abordada por alguns estudiosos como Marilena Chauí que traz em seu livro “Cultura e Democracia” (2008) a visão de que o termo provém do verbo latino ‘colere’, que significava o cultivo e o cuidado com a terra. E enquanto cultivo, a cultura era concebida como uma ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém; era fazer brotar, frutificar, florescer.

Esse sentido do termo foi, com o passar do tempo, ganhando uma nova configuração no ocidente e, no século XVIII, a partir do Iluminismo, surge com a Filosofia um novo modo de enxergar a cultura, agora o conceito aproxima-se do que se conhecia até então como civilização. Este termo, por sua vez, ainda conforme Chauí (2008) deriva-se da ideia de vida civil, portanto, de vida política e de regime político. Nesse contexto, a autora entende que o termo cultura muda sua significação, passando a constituir um critério para quantificar o grau de civilização de determinada sociedade, sendo encarada, então, como um conjunto de práticas (artes, ciências, técnicas, filosofia, os ofícios) avaliadas segundo critérios de evolução.

O que se percebe é que a ideia de Cultura não pode se dissociar de sua relação com o tempo, no contexto do Iluminismo, por exemplo, a ideia de cultura estava

relacionada ao tempo, mas, de uma forma contínua, linear e evolutiva, ou seja, a cultura aqui estava relacionada a ideia de progresso. Segundo Chauí (2008) e Laraia (1986), o grau de cultura de uma civilização era medido pelo seu nível de progresso.

Esses primeiros conceitos de Cultura, abordados por Marilena Chauí, também são defendidos, em partes, pelo teórico brasileiro Alfredo Bosi em *Dialética da colonização*, (1992) obra esta em que ele define cultura a partir da linguística e da etimologia da palavra. Para ele, cultura, assim como culto e colonização, viria do verbo latino ‘colo’, que significa ocupar a terra. Cultura, dessa forma, seria a conjugação futura de tal verbo, portanto, significando o que se vai trabalhar, o que se quer cultivar, e não apenas em termos de agricultura, mas também de transmissão de valores e conhecimento para as próximas gerações.

O conceito iluminista de cultura, que surge através de uma moldura política e ideológica, vai mudando de configuração e reaparece no século XIX, quando se constitui um ramo das ciências humanas, a Antropologia. Ainda conforme Chauí (2008) no início da constituição da antropologia, os antropólogos guardarão o conceito iluminista de evolução ou progresso, uma vez que eles têm a noção de progresso como medida de cultura. Os antropólogos estabeleceram um padrão para medir a evolução ou o grau de progresso de uma cultura e esse padrão foi, evidentemente, o da Europa capitalista.

Chauí (2008) argumenta que as sociedades passaram a ser avaliadas segundo a presença ou a ausência de alguns elementos que são próprios do ocidente capitalista e a ausência desses elementos foi considerada sinal de falta de cultura ou de uma cultura pouco evoluída e todas as sociedades que desenvolvessem formas de troca, comunicação e poder diferentes do mercado, da escrita e do Estado europeu, foram definidas como culturas “primitivas”. Em outras palavras, foi introduzido um conceito de valor para distinguir as formas culturais, assim a cultura europeia capitalista se portava como o fim necessário do desenvolvimento de toda cultura ou de toda civilização, isto é, adota uma posição etnocêntrica, mas, sobretudo ao se oferecer como modelo necessário do desenvolvimento histórico legitimou e justificou primeiro, a colonização e, depois, o imperialismo.

Segundo Laraia (1986) no século XIX, sobretudo com a filosofia alemã, a ideia de cultura sofre uma mutação decisiva porque é elaborada como a diferença entre natureza e história. O termo cultura, conforme o autor, era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, e civilização, referia-se às realizações

materiais de um povo. Afirma Laraia (1986) que Edward Tylor, em 1871, fez uma síntese dos dois termos e o tornou mais abrangente: para ele, a cultura seria um conjunto complexo no qual estão inseridos conhecimento, crenças, arte, moral, leis, hábitos, costumes e capacidades adquiridos pelos membros de uma sociedade. A partir de então, o termo cultura passa a ter uma abrangência que não possuía, abrindo espaços para estudos das mais diversas formas de vida, de instituições e modos de vida de cada grupo ou nação, ou seja, a diversidade cultural dos quais se servem as várias áreas do saber, sobretudo a Antropologia que se interessa em estudar, por exemplo, a natureza do comportamento cultural, raça e meio ambiente e como estes influem nas definições culturais e a evolução das culturas, essas e outras questões que desde o século XIX têm interessado aos antropólogos.

Historicamente, tem-se tentado explicar as diferenças comportamentais entre as pessoas, com base nas diferenças tanto geográficas como genéticas, ou seja, o que se pensou, durante muito tempo, é que as características biológicas fossem determinantes para “classificar” um grupo como sendo cultural ou não. Em relação à classificação de uma cultura a partir do ambiente geográfico, o equívoco era achar que o ambiente determinava o comportamento dos indivíduos, sendo que na realidade esse comportamento depende de um aprendizado, de uma socialização, por exemplo, nem todos os grupos indígenas do Brasil possuem os mesmos hábitos, crenças e costumes, nem tão pouco, grupos populacionais africanos são iguais pelo fato de pertencerem a uma mesma região ou etnia.

A grande e talvez a maior novidade que surgiu para impactar as áreas do saber, como se sabe, foi a obra *A origem das espécies* (1859), em que Darwin expôs a teoria evolucionista, a partir da qual, em suas pesquisas ocorridas no século XIX, o cientista inglês procurou estabelecer um estudo comparativo entre espécies que viviam em diferentes regiões e a partir daí concluiu que as características biológicas dos seres vivos passam por um processo dinâmico em que fatores de ordem natural seriam responsáveis por modificar os organismos. Foi a partir daí que ele levantou a ideia de que os organismos vivos estão em constante concorrência e a partir dela, somente os seres melhores, preparados às condições ambientais impostas poderiam sobreviver.

A partir das descobertas e proposições de Darwin, vários ramos do saber passaram a adotar uma perspectiva evolucionista, tanto a Linguística, a Pedagogia e a Filosofia, dentre outras áreas, que viam no pensamento evolucionista a ideia de que a evolução ocorre de maneira uniforme entre todos os povos e raças.

A principal reação ao evolucionismo, conforme Laraia (1986), veio através de Franz Boas, que atribui à antropologia as tarefas de reconstruir a história dos povos e de comparar a vida social de diferentes povos. Boas (2004) critica o domínio que o pensamento evolucionista exerceu sobre Tylor, Spencer e outros pesquisadores que acreditavam na ideia de uma evolução geral e uniforme da cultura da qual participaria todo o gênero humano. Ao se referir ao evolucionismo, o estudioso afirma:

Essa ideia é claramente expressa por Tylor nas páginas introdutórias de seu clássico *Primitive Culture*. Se concordarmos que se deve provar, antes de aceitá-la, a hipótese de uma evolução uniforme, toda a estrutura perde sua fundamentação. É verdade que há indicações de paralelismo de desenvolvimento em diferentes partes do mundo, e que costumes similares são encontrados nas regiões mais diferentes e distantes. A ocorrência dessas similaridades – tão irregularmente distribuídas, que não podem ser prontamente explicadas com base na difusão – é um dos alicerces da hipótese evolucionista. (BOAS, 2004, p. 42)

Fica evidente, portanto, a partir do pensamento de Boas, que é possível admitir a existência de diversos tipos coexistentes de civilização, no entanto, não se pode sustentar a hipótese de uma única linha geral de desenvolvimento. Os estudos de Boas acabaram atribuindo à Antropologia a tarefa de reconstrução histórica dos povos ou regiões particulares e a comparação da vida social de diferentes povos.

Para Boas (2004) o ponto de vista evolucionista pressupõe que o curso das mudanças históricas na vida cultural da humanidade segue leis definidas, aplicáveis em toda parte, o que faria com que os desenvolvimentos culturais, em suas linhas básicas, fossem os mesmos entre todas as raças e povos. Essa ideia de que a cultura desenvolve-se de maneira uniforme acabou por resultar numa escala evolutiva discriminatória, o que segundo Laraia (1986) seria um “etnocentrismo europeu ocidental”.

Na tentativa de realizar um estudo da cultura, mas sob a perspectiva popular e não mais com um olhar ocidentalizado, surgem os estudos culturais de Peter Burke abordados na obra *Cultura Popular na Idade Moderna*, em que ele explicita os valores e atitudes de artesãos e camponeses, enfim das classes subalternas, descrevendo e interpretando a Cultura Popular dos inícios da Europa Moderna.

Falar de Cultura Popular no sentido conceitual do termo não é nada fácil, uma vez que se o próprio conceito de cultura suscita conotações complexas, imagine seu desdobramento em cultura popular. No entanto o que deve ser considerado é seu caráter de resistência contra a dominação da classe influente.

Como vimos, o distanciamento da cultura popular e da cultura erudita ou da elite foi uma iniciativa dos intelectuais europeus, na segunda metade do século XVIII. Conforme Burke (2010) por meio do conceito de folclore (“saber do povo”), eles demarcaram a fronteira das manifestações culturais das camadas sociais abastadas em relação às aquelas mais amplamente difundidas.

Nos séculos XIX, o povo – não os setores marginalizados das cidades, mas os habitantes das zonas rurais – foi idealizado, com sua produção cultural tendo sido retratada como “pura”, “natural” e “resíduo” do passado. Para Burke (2010), essa idealização serviu de base para a elaboração do mito fundador de várias nações, bem como desencadeou o início de muitas pesquisas folclóricas que se empenharam em descobrir uma cultura primitiva.

Nesse contexto as manifestações folclóricas, herdadas do mundo rural, estavam condenadas à morte, devido ao seu crescente contato com influências dos centros urbanos. A essa questão atesta Burke:

Mesmo antes da revolução industrial, a cultura popular tradicional vinha sendo minada pelo crescimento das cidades, a melhoria das estradas e a alfabetização. O centro invadia a periferia. O processo de transformação social deu aos descobridores uma consciência ainda maior da importância da tradição. (BURKE, 2010, p.42)

Mas o que seriam as manifestações populares? Obviamente, o popular, sabemos que é aquilo que emana do povo, e muito mais que do sentido etimológico do termo, como derivado da locução adjetiva “do povo” a acepção mais comum é considerar povo como o conjunto dos cidadãos de um país, excetuando-se os dirigentes e os membros da elite socioeconômica.

Embora não haja um consenso em torno do termo “povo”, tem-se uma noção do que signifique, a questão do conceito, entretanto não está nem perto de ser resolvida, assim como o conceito de cultura. Peter Burke julga que esse conceito parece ser ainda mais controverso. Antes, era usado para se referir à “alta” cultura, e na contemporaneidade o uso do termo foi ampliado, incorporando a “baixa” cultura, ou cultura popular.

Assim Burke traz sua definição de Cultura inicialmente como uma palavra imprecisa, como muitas definições concorrentes, mas em seu entendimento se configura como “um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais, em que eles são expressos ou encarnados).”.

Essa definição estendida ao conceito de cultura popular seria na visão de Burke uma cultura não oficial, a cultura da não elite, das “classes subalternas”. A respeito do que seria a não elite, o autor acrescenta:

No caso dos inícios da Europa moderna, a não elite era todo um conjunto de grupos sociais mais ou menos definidos, entre os quais destacavam-se os artesãos e os camponeses. Portanto, uso a expressão “artesãos e camponeses” (ou “povo comum”) para sintetizar o conjunto da não elite, incluindo mulheres, crianças, pastores, marinheiros, mendigos e os demais grupos sociais. (BURKE, 2010, p.11)

Assim percebe-se aqui a contribuição das pesquisas que se preocupam em resgatar ou não deixar se extinguirem as manifestações patrimoniais, sobretudo aquelas emanadas do povo. Assim considera-se de fundamental importância o abandono da utilização da perspectiva evolucionista na análise dos povos não europeus, trazendo para a cena os modos de vida dos grupos sociais historicamente marginalizados ou que tiveram sua cultura negligenciada pelo modelo hegemônico de se conceber e realizar estudos da cultura.

Em contraposição à cultura popular surgiu a cultura de massa ou como muitos estudiosos concebem “indústria cultural”, que é aquela criada com o objetivo de atingir a massa popular, ou seja, a maioria dentro de uma população e que tenha seu conteúdo disseminado através dos meios de comunicação. A respeito da cultura de massa, vários estudiosos da Filosofia, da História e demais áreas do saber associam a cultura de massa ao modelo hierarquizador hegemônico e afirmam que esta está a serviço da grande mídia que oprime as demais formas de cultura.

Dentre os estudiosos da cultura de massa, Jesús Martín-Barbero (1997) aborda em sua obra *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* uma análise da cultura de massa em contraposição à cultura popular. Nessa obra ele observa ainda a indústria cultural na América Latina, fruto de uma unificação territorial em sintonia com os ideais eurocêntricos que pretendiam trazer a modernidade até a América, desfazendo-se de toda a produção e diversidade cultural. A América Latina é vista, assim, como espaço ao mesmo tempo de debate e combate em que se atua o repentino surgimento e crescimento do rádio, do cinema e da televisão, atuados sobretudo como manipulação das audiências.

A partir da visão de Barbero (1997) é possível pensar na invasão da cultura de massa entre grupos minoritários, sobretudo, na comunidade quilombola de Volta

Grande, objeto de pesquisa, e pensar ainda nas consequências dessa invasão e sua possível implicação no calar das tradições culturais. Ou seja, o intuito é refletir acerca da relação entre a cultura popular e de massa na comunidade, através de seus modos de vida, suas produções culturais e o efeito das forças massificadoras sobre elas, bem como perceber a possível reação do grupo quilombola sobre essas forças.

Cultura Popular e de Massa na Comunidade Quilombola de Volta Grande

A modernidade tardia⁴ e principalmente o processo de mudança contínuo conhecido como globalização provocaram um grande impacto cultural entre os povos, com isso, as sociedades modernas passaram a ser vistas como sociedade de mudança constante e rápida. Conforme Giddens (1991) as sociedades modernas são marcadas pelo dinamismo, pelo escopo globalizante e por descontinuidades em relação às culturas tradicionais. Estas, por sua vez, veneram o passado e valorizam os símbolos porque estes contêm e perpetuam a experiência de gerações.

Por um lado, podemos dizer que Volta Grande esteja inserida nesta última categoria de sociedade, uma vez que a comunidade valoriza as tradições culturais dos antepassados e luta para que essas manifestações não se percam no tempo. Por outro lado, os quilombos contemporâneos também chamados de comunidades tradicionais sofrem os impactos da globalização e do progresso voraz, absorvendo influências de diversas outras culturas. Além disso, os fatores externos e dinâmicos que permeiam as comunidades sempre vão existir e causar mudanças tanto no processo de construção da identidade quanto na cultura da comunidade, embora, em Volta Grande, haja resistência às novidades em prol da manutenção de manifestações do passado.

A respeito dos impactos causados pela modernidade, Cristiane Santana Sodré (2011) afirma:

A “modernidade tardia” criou indivíduos deslocados de seu lugar cômodo de sujeitos sociais centrados, unificados para um “entre lugar” de absoluto desconforto, haja vista as culturas estarem numa posição de atravessamento ou deslocamento. Um indivíduo, hoje, não pode dizer que possui uma identidade própria ou uma cultura apenas. Devido ao processo da globalização, que acabou colaborando de forma acelerada para as diásporas, o que existe atualmente são hibridismos culturais, indivíduos híbridos(SODRÉ, 2011, p.94).

⁴ ²Anthony Giddens (1991) na obra *As Consequências da Modernidade* traz uma abordagem muito clara acerca da modernidade tardia, que segundo ele, se caracteriza, principalmente por três fatores, a saber: separação entre tempo e espaço, globalização e individualidade moderna.

A partir disso, compreende-se a dificuldade de nos apropriarmos de conceitos fechados, cristalizados como identidade negra/quilombola, cultura negra, quilombola ou afro-brasileira, visto que, conforme abordado no capítulo anterior, as identidades negra e/ou quilombola, são entendidas como algo que é parte de um processo em construção. Assim, as comunidades quilombolas também passam por processos de mudança que acabam interferindo de modo positivo e negativo dentro do grupo.

No entanto, o que há de singular na comunidade de Volta Grande é a relação com o passado. Algumas práticas herdadas dos ancestrais e que são preservadas na comunidade, são a prova de que a cultura de Volta Grande se encontra nesse “entre lugar”, ao mesmo tempo em que se apropria de formas de vida características da modernidade, mantém vínculos com passado histórico através da memória e da oralidade.

A Comunidade quilombola de Volta Grande localiza-se no centro norte baiano, especificamente na microrregião de Irecê, sertão baiano, no município de Barro Alto, distando deste aproximadamente cinco quilômetros e cerca de 564 quilômetros de Salvador, capital baiana. A população geral do município, conforme dados do IBGE, está estimada em aproximadamente quatorze mil habitantes, sendo a comunidade composta de algumas dezenas de famílias, aproximadamente 54.

Volta Grande não é a única comunidade quilombola do município de Barro Alto. Existem, na verdade, outras cinco comunidades que foram reconhecidas, embora nenhuma delas tenha conseguido ainda a titulação e demarcação de suas terras. São elas: Barreirinho, Cafelândia, Malvinas, Rua do Juá, Segredo.

Volta Grande, Barreirinho, Cafelândia e Segredo são comunidades rurais. Rua do Juá é uma rua que se localiza na sede do município. Malvinas, também uma rua, é chamada de bairro pelos moradores e localiza-se no Distrito de Lagoa Funda, um dos povoados mais desenvolvidos economicamente no município.

Nenhuma delas recebeu até o presente momento, a titulação das terras pela Fundação Palmares, direito garantido pelo artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Isso se deve a fatores de natureza diversa, inclusive por questões burocráticas nos vários segmentos sociais. Volta Grande recebeu a certidão de autodefinição da Fundação Palmares em 2010, após a declaração de autodefinição da comunidade, formalmente expressa na ata de reunião da associação de moradores

datada de 28 de outubro de 2008.

Dentre essas famílias algumas se destacam por serem atuantes em associações, como na comunitária, na representação sindical do município, tanto do sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais como também no sindicato dos servidores públicos municipais, além de atuações em ONGs. Um dos jovens da comunidade, Uilson Viana, jornalista recém-formado da comunidade, realizou sua pesquisa sobre a memória e identidade da comunidade que resultou em seu trabalho de conclusão de curso. Assim como Uilson, moradores da comunidade, como Jailso Francisco, Luís Viana, Euvaldo Francisco, dentre outros volta-grandenses que trabalham e estudam em outras cidades, demonstram o cuidado de estar sempre presentes na comunidade e buscar melhores condições de vida através de projetos ligados a ONGs, Associações e entidades federais.

Conforme relatório produzido pela própria comunidade, por iniciativa da Associação de moradores, Volta Grande já existe há mais de cem anos sendo que as primeiras famílias vieram de Santa Cruz, comunidade do mesmo município. Segundo depoimento de moradores, estas famílias foram atraídas pela boa qualidade da terra.

A escolha da comunidade para a pesquisa se deve ao fato do grupo rural se apresentar de forma ativa nos eventos culturais do município e de outras localidades. A própria comunidade promove vários eventos como campeonatos de futebol entre as comunidades quilombolas, os festejos do padroeiro da comunidade São João Batista que coincide com os festejos juninos dentre outras manifestações que diferencia Volta Grande das comunidades em seu entorno.

Um aspecto negativo não somente na comunidade, mas em toda a região, é a falta de chuvas que vem comprometendo a agricultura, o que acaba por induzir muitos moradores a procurar melhores condições de vida em grandes cidades. Isso é ruim tanto do ponto de vista do crescimento da comunidade, quanto em relação à questão da preservação da cultura ancestral, uma vez que essas pessoas em contato com outras culturas tendem a deixar de lado, mesmo que involuntariamente, suas crenças, hábitos e costumes, embora o contato com outras culturas não seja visto de uma forma negativa, já que se trata de um processo natural.

A proposta desse trabalho não está pautada na questão da luta pela posse da terra, embora seja pertinente ressaltar a luta da comunidade pela desburocratização do processo de conquista da titulação de suas terras junto ao INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária). Assim como a maior parte das comunidades remanescentes rurais, principalmente no sertão, o cotidiano de Volta Grande também é

marcado pelo trabalho rural, isto é, sua economia se baseia no plantio e cultivo de alimentos para a subsistência. Por isso, há de se reconhecer não só o valor financeiro da terra, mas também seu valor simbólico para a comunidade.

A unidade como característica do povo de Volta Grande não se manifesta apenas nas associações comunitárias e religiosas: há uma cumplicidade, uma relação de irmandade facilmente perceptível entre o grupo, isso é comum às comunidades quilombolas.

A praticidade e o lidar com a terra é fruto de ensinamentos dos antepassados, que sabiam a época ideal para plantar e tinham como base para tal as fases da lua, as estações do ano e a relação de ambas com as chuvas. Essas e outras práticas comuns transmitidas oralmente entre as gerações revelam compartilhamento de saberes, de colaboração, o que acaba por representar e valorizar a identidade local.

As comunidades tradicionais como Volta Grande têm essa característica de venerar o passado e valorizar os símbolos porque estes contêm e perpetuam a experiência de gerações. Entretanto, Volta Grande, mesmo sendo uma comunidade tradicional, não está isenta dos impactos da globalização e do progresso voraz, absorvendo influências de diversas outras culturas e da expansão da cultura de massa. Alguns tradicionalistas – estudiosos da tradição - atribuem a produtos tecnológicos como a televisão, o computador e o celular, por exemplo, o papel de principais instrumentos colaboradores para o fim de algumas práticas culturais, alegando que estes instrumentos são a representação do progresso que veio para fazer desaparecerem manifestações culturais do passado.

Os fatores externos e dinâmicos que permeiam as comunidades sempre vão existir e causar mudanças tanto no processo de construção da identidade quanto na cultura da comunidade, embora, em Volta Grande, haja resistência para manter algumas manifestações do passado.

Considerações

O que se tentou fazer até aqui foi apenas delinear a visão de alguns teóricos sobre o conceito de cultura, não se pode esgotar essa discussão, uma vez que a própria cultura faz parte de um processo dinâmico. No entanto, apesar da evolução do conceito de cultura ter demonstrado que as questões biológicas e geográficas não interferem nas

ações humanas, sabemos que do ponto de vista da aplicabilidade do conceito prático no cotidiano, a cultura ainda mantém resquícios dessa ligação, uma vez que é inegável a existência de questões relacionadas, por exemplo, na supremacia das raças, manifestada através do preconceito e discriminação entre grupos étnicos.

Uma das tarefas da Antropologia moderna tem sido a reconstrução do conceito de Cultura, no entanto, a noção de cultura perpassa abordagens transdisciplinares, uma vez que envolvem estudiosos clássicos e contemporâneos todas as ciências humanas, enfim, as áreas do saber.

Em tempos de globalização como o que vivemos agora, o estudo da cultura, sobretudo da cultura popular, torna-se relevante, no sentido de que, nós enquanto, críticos culturais, possamos contribuir e trazer para as discussões os desdobramentos através dos quais a Cultura se faz, ou seja, as noções de multiculturalismo, identidades, a alteridade e as mediações culturais. Dessa forma, estamos visibilizando e fortalecendo as lutas de grupos minoritárias, que envolvem as relações de gênero, raça, classe etc.

Por fim, no que concerne à aplicabilidade dos conceitos de cultura popular e de massa em Volta Grande, podemos afirmar que a comunidade transita entre práticas culturais do passado e os mecanismos da modernidade. Enquanto, de um lado utilizam os meios de comunicação de massa como o celular, de outro, lutam pela continuidade de suas tradições como a fabricação de farinha artesanal, por exemplo.

Assim, a ideia de que as comunidades quilombolas rurais não são “civilizadas” ou que as comunidades quilombolas contemporâneas não vivenciam mais tradições e práticas do passado devido à invasão da cultura de massa, precisa ser revista. Volta Grande é a prova de que uma comunidade rural quilombola contemporânea, transita entre o passado e o presente, mantendo vivas algumas tradições, transmitidas através das vozes dos mais experientes. Dessa forma, o grupo quilombola ainda continua a produzir cultura, o que implica no não esgotamento dos estudos; as discussões acerca da cultura popular de Volta Grande continuam em pauta com o intuito de visibilizar e valorizar essas vozes.

Referências

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Org. e Tradução Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**: Europa 1500-1800. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CHAUI, Marilena. Cultura e Democracia. **Crítica y emancipación**: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales, año 1, no. 1, p. 53-76, jun. 2008. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>>. Acesso em 10 out. 2015.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura - um conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Os processos: dos nacionalismos às transnacionais. In: _____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 3ª Parte Cap. I. p. 225-269.

SODRÉ, Cristiane Santana. Língua e Cultura Trançadas na Palha: Relação entre Ensino Aprendizagem e Representações Identitárias em Porto do Sauípe, Bahia. **Percursos Linguísticos**, v. 1 n. 1 p. 92-106, 2011.